



A memória “domesticada”: vozes femininas na escrita de Maria da Glória Sá Rosa

Memory "domesticated": women's voices in the writing of Maria da Glória de Sá Rosa

Alexandra Santos Pinheiro¹

Resumo: O artigo analisa a obra *Contos de hoje e sempre: tecendo palavras*, de Maria da Glória Sá Rosa. A partir do texto ficcional, a autora dá voz à sua subjetividade para “domesticar” lembranças ou para inventar enredos. A análise busca desvendar o ato criativo dessa autora que se debruçou sobre tantos nomes das literaturas regional, nacional e universal. A obra *Contos de hoje e sempre*, formada por dezenove narrativas, possibilita o encontro com uma escritora sensível, intensa na composição de suas personagens, perspicaz na elaboração dos tempos psicológicos que marcam a alternância entre presente e passado.

Palavras-chave: escrita de autoria feminina; memória; literatura

Abstract: This article analyzes the work of *Tales today and always, weaving words* of Maria da Glória de Sá Rosa. From the fictional text, the author gives voice to his subjectivity to "tame" souvenirs or to invent plots. The analysis seeks to unravel the creative act of this author that has gone into so many names of regional, national and universal literature. The work *Tales of today and always*, formed by nineteen narratives, enables encounter with a sensitive writer, intense in the composition of his characters, insightful in the development of psychological times that mark the alternation between past and present.

Keywords: Writing female authors; memory; literature

Vida, obra e leitura: descortinando a escritora

A cearense de nascimento Maria da Glória Sá Rosa vive desde 1939 no estado do Mato Grosso do Sul, acompanhando o desmembramento do estado em 1977 e seu desenvolvimento até os dias atuais. Dedicar-se à pesquisa sobre a Educação, Cultura e Literatura do estado². Além de pesquisadora e escritora, Sá Rosa foi professora universitária, coordenadora de festivais culturais, produtora de programas de rádio e de televisão. Pelas atividades tão intensas e diversificadas, a autora foi considerada, nas

¹ Professora adjunta da Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD, atua na graduação e no programa de pós-graduação em Letras.

² De seus trabalhos científicos, resultaram as obras: *Estudo sobre Guimarães Rosa* (1967); *Análise Estrutural do Romance* (1971); *O Romance brasileiro atual Realismo Mágico e Realismo Mimético* (1976); *Análise Interpretativa do conto “Casa de Bronze”, de João Guimarães Rosa* (1974); *Memórias da Cultura e da Educação em Mato Grosso do Sul* (1990); *Deus quer, o homem sonha, a cidade nasce - “Campo Grande Cem Anos de História”* (1999); *Crônicas de Fim de Século* (2001); *Contos de Hoje e Sempre - Tecendo Palavras* (2002); *Artes Plásticas em Mato Grosso do Sul* (em parceria com Idara Duncan e Yara Penteado, 2005); *A Música de Mato Grosso do Sul* (em parceria com Idara Duncan (2009).

palavras de Ildara Duncan: “ícone da Educação e da Cultura no Mato Grosso do Sul” (apresentação de escreve em *Contos de Hoje e Sempre - Tecendo Palavras*). Pesquisadora, professora, escritora, esposa, mãe, avó... As faces de Sá Rosa são múltiplas, e por isso precisa-se delimitar o olhar quando se pretende escrever sobre ela. Para o presente trabalho, chamo a atenção para seu livro *Contos de hoje e sempre*, publicado em 2002. Nele se encontra uma artista cuidadosa no exercício do fazer ficcional.

Maria da Glória Sá Rosa aceitou a tarefa de registrar a cultura do estado que ela escolheu para viver. Seja escrevendo sobre a vida de artistas brasileiros e sul-mato-grossenses ou rememorando seu passado, a autora emite sua voz, a visão sensível de quem sabe da importância de narrar:

(...) o livro, a ficção atinge uma importância enorme, pois, através dele, a oralidade transformada em escritura sólida, bem alicerçada em conceitos diversos e técnicas narrativas inovadoras, assume proporções gigantescas, a palavra pode chegar a inexplorados recantos e promover mudanças significativas (NAVARRO, 1995, p. 12).

Em sua trajetória, a autora registra a história de representantes da cultura regional e nacional, narra as angústias e as alegrias daqueles que contribuíram para que o Mato Grosso do Sul se destacasse nacionalmente pela música, literatura e política. Em contrapartida, em *Contos de hoje e sempre*, Sá Rosa afirma realizar o exercício de, ao domesticar o seu passado, explorar sua memória para (re) construir o passado dos parentes e amigos que marcaram a sua subjetividade e a forma com que vê a vida. Para a forma com que trato essa obra, não interessa questionar a veracidade ou não de suas “lembranças”. Direciono o olhar para desvendar o ato criativo dessa autora que se debruçou sobre tantos nomes das literaturas regional, nacional e universal. A obra *Contos de hoje e sempre*, formada por dezenove narrativas, possibilita o encontro com uma escritora sensível, intensa na composição de suas personagens, perspicaz na elaboração dos tempos psicológicos que marcam a alternância entre presente e passado.

Personagens femininas: o olhar perspicaz de quem se permite narrar/rememorar

Marcadas por um narrador que se anuncia como aquele que lembra e que também recolhe lembranças para compor os acontecimentos, as narrativas trazem, em sua grande

maioria, personagens femininas, mulheres que comovem, provocam e surpreendem. A primeira, das três narrativas a serem apresentadas nesse ensaio, reconstrói, a partir de relatos, frases jogadas no ar e de cartas escondidas, o passado da personagem Ana Maria. “Sol de retina” é precedido pela epígrafe de José Saramago:

A memória é como aquele toque instantâneo de sol na retina, que deixa uma queimadura à superfície, coisa leve, sem importância mas que molesta enquanto dura; daqui a pouco a queimadura desaparece, a visão normaliza-se e é como se nada tivesse acontecido³.

Inspirada nas palavras do escritor português, de onde parece retirar também o título de sua narrativa, a autora narra a partir de uma personagem/narradora que poderia ser ela mesma, dada as referências explícitas à vida de Sá Rosa, como a volta ao Ceará reacende as cenas experimentadas no passado: “Quem me mandou voltar ao Ceará? Eu não precisava ter feito aquela viagem. Agora as lembranças deslizam, golpes de punhal me atravessam a carne” (p. 13). Era, assim, tempo de “domesticar” as lembranças para sanar a dor de acontecimentos não esclarecidos.

Impressionam as imagens sugeridas: “pintura descascada”, “velho pé de cajá” marcam o tempo passado. Em contraste às marcas de um tempo que ficou para trás, resta “a queimadura à superfície” da retina, que traz para o presente a imagem de seu pai, ainda jovem, recebendo o telegrama que anunciava a morte da tia Ana Maria: “os dezoitos anos de minha tia Ana Maria tinham sido destruídos num toque de dedos do destino” (p. 14). Depois da notícia, o silêncio, quebrado com o retorno para a cidade natal, quando, já adulta, a narradora sente-se impelida a desvendar o enigma de Ana Maria.

Na época, a notícia da morte abalou a todos. A narradora, naquele momento com cinco anos, levaria tempo para desvendar os fatos: “o assunto Ana Maria era o grande tabu familiar, que aguçava minha curiosidade” (p. 15). A tia era linda, carinhosa, companheira dos sobrinhos, “era a nossa defensora quando ameaçados de castigo” (p. 14). A questão que parece movimentar suas lembranças é a tentativa de esclarecer as circunstâncias da morte que interrompeu a existência de um ser feliz.

³ A autora não indica a fonte da citação, todavia, o texto foi retirado do romance *A caverna*, publicado em 2000. Página da citação: 245.

Pelas vagas lembranças, recorda-se que a tia foi enviada para o Paraná, obrigada a acompanhar os seus pais, no sonho de reconstruir a vida em um novo estado. De lá veio a notícia de sua morte, junto com ela, o silêncio instala-se na família:

Quando alguém mencionava o nome Ana Maria, bocas permaneciam mudas, conversas tornavam-se reticentes. Transformara-se em personagem maldita de tragédia grega. Tão bela, tão doce e amaldiçoada, memória desfeita em cinzas (p. 14)

Enquanto rememora, a narradora percorre espaços e recupera pessoas e gestos que ajudem a compreender a tragédia que marcou a vida de sua tia. A mudança da tia para o Paraná, com a justificativa de acompanhar seus pais e o reencontro com a avó, ainda de luto pela morte da filha, quando seus pais também decidem buscar por uma vida melhor naquele estado. Entre um comentário e outro, reconstruía aos poucos a trajetória de Ana Maria. Descobriu, pelo comentário jogado ao ar, que a ida para o Paraná foi a forma encontrada pela família para afastá-la do namorado rejeitado pelos seus pais. No novo estado:

(...) onde iniciou o curso normal, sofria com o inverno rigoroso e com a ausência do jovem por quem estava apaixonada. (...). Em madrugada de intensa cerração, ingeriu um veneno, colocado por engano num vidro vazio de xarope, igual ao que ela costumava tomar. Morreu poucas horas mais tarde, depois de cravar os desesperados olhos em minha avó. Deixou como herança um enigma a perturbar minhas noites de insônia, em que sua lembrança não me abandonava (p. 15).

Para desvendar o enigma, a narradora, na época adolescente, passa a interrogar a mãe, os tios, a avó. O pouco que consegue obter como resposta dá a ela pistas para prosseguir com a investigação. Enquanto todos dormiam, ela revirava gavetas à procura de fotos ou documentos. Um dia encontrou um papel escondido em uma lata, onde estava escrito:

Artur, estou morrendo de saudades de você. A cidade é pequena, feia, o frio terrível não me deixa dormir. Meus pais me vigiam o

tempo inteiro, estou presa numa cadeia. Não tenho uma amiga sequer. Só penso em você, na hora de voltar (p. 15).

As tentativas para desvendar os fatos são em vão. Já adulta, quando retorna ao Ceará, relembra os fatos e encontra no desabafo do tio Paulo a explicação da morte da tia Ana Maria. Depois que o “vendaval do tempo arrastou para o outro lado da vida avós, pais, parentes que partiram, carregando segredos” (p. 16), ouve a versão que tomará como verdadeira. Diante da apreensão dos irmãos em relação aos parentes mortos, o tio desabafa: “Não sei por que tanta revolta diante do desaparecimento de velhos. Pior foi o suicídio...” (p. 17). Por fim completa:

Ana Maria estava namorando no Ceará um rapaz sem futuro, um vagabundo que em hipótese alguma meus pais deixariam que se casasse com ela. Como sempre, foi teimosa, voluntariosa, passou a encontrá-la às escondidas. Não aceitava conselhos, admoestações. Naquele tempo, a educação era rígida, os pais tinham autoridade sobre os filhos. O jeito de acabar com o namoro foi obrigá-la a acompanhar papai e mamãe na mudança para o Sul, onde esqueceria o rapaz e começaria vida nova (p. 17).

Estava solucionado o enigma. Ana Maria suicidou-se. A mentira do veneno tomado por engano deveu-se à rigidez da igreja católica, que, na década 30 do século XX, condenava o ato, tirando da família o direito à encomendação da alma e à missa de sétimo dia. Tia Maria tirou a própria vida porque não aguentou viver longe de seu namorado e porque não suportou a autoridade dos pais. Como descrita no início do enredo, era uma jovem de bem com a vida, que perdeu as energias quando se viu obrigada a conviver com a intransigência da família diante de suas escolhas. Ao final, a narradora concilia-se com seu passado:

A voz de tio Paulo ressoava sombria em meu acerto de contas com o passado. A queimadura voltara a doer, mas não perturbava mais. Os fios da dúvida tinham-se dispersado no ar. Ao reviver, na velha casa de meus avós, pedaços do passado, que tanto haviam atormentado minha infância e mocidade, sentia-me em paz, porque reconciliada com a verdade (p. 18).

No artigo *O perdão pode curar?*⁴, Paul Ricoeur observa esse exercício de reconciliação entre o sujeito e o seu passado:

Certamente, os factos passados são inapagáveis: não podemos desfazer o que foi feito, nem fazer com que o que aconteceu não tenha acontecido. Mas ao invés, o sentido do que nos aconteceu, quer tenhamos sido nós a fazê-lo, quer tenhamos sido nós a sofrê-lo, não está estabelecido de uma vez por todas. Não só os acontecimentos do passado permanecem abertos a novas interpretações, como também se dá uma reviravolta nos nossos projectos, em função das nossas lembranças, por um notável efeito de “acerto de contas” (RICOEUR, *In*. HENRIQUES, 2005, p. 36).

O “acerto de contas” com o passado, no caso da narradora de “Sol da retina”, é feito a partir da resposta ao enigma que rondou sua infância e sua juventude: as circunstâncias da morte da tia Ana Maria. Não há julgamento de valores, o fato ocorreu na década de 30, em uma família marcada pelo patriarcado e pela moral religiosa. O/a leitor/a pode questionar o quanto esse enredo exemplifica a história de submissão vivenciada pelas mulheres brasileiras, quando até a escolha do namorado necessitava ser autorizada pela família. Pode-se pensar nas tantas mulheres “de bem com a vida”, como a tia Ana Maria, que tiveram a vida interrompida, não apenas pelo suicídio, mas também por casamentos arranjados ou pela imposição de se anularem em conventos ou na obrigação de ficarem solteiras para cuidarem dos pais.

A narradora, todavia, não emite juízo de valor sobre o ocorrido, seu desejo de reconciliação com o passado é realizado quando descobre a verdade. As dúvidas que marcaram sua infância e juventude são sanadas e ela se sente em paz. Não há a quem perdoar ou a quem acusar, os envolvidos estão mortos. Ao se lembrar deles, a sobrinha, que por tanto tempo desejou desvendar a morte prematura da tia, passa a ter a recordação clareada pela “verdade”.

De lembranças também trata o conto “Instantes grossos de sangue”, título inspirado nas palavras de Clarice Lispector, usadas como epígrafe da narrativa: “Sei o

⁴ _Publicado em *Esprit*, nº 210 (1995), pp. 77-82. Texto de uma conferência proferida no Templo da Estrela, na série “Dieu est-il crédible?”. O título foi-lhe atribuído pelos organizadores. Foi pela primeira vez publicado em português na revista *Viragem*, nº 21 (1996), pp. 26-29, e republicado in Fernanda HENRIQUES (org.), *Paul Ricoeur e a Simbólica do Mal*, Porto: Edições Afrontamento, 2005, pp. 35-40.

que estou fazendo aqui: conto os instantes que pingam e são grossos de sangue”⁵. Mais uma vez, a narradora traz à cena recordações de outra tia, Dalila, “mulher que fora julgada louca pelos que queriam desembaraçar-se de sua presença incômoda” (p. 19). Como a tia Ana Maria, Dalila era lembrada por sua beleza e inteligência, mas que vai chegar aos sessenta anos “vazia como uma bola cujo ar tivesse sido lentamente retirado”:

A vida deslizou-se por ela como rio repleto de detritos que a tornaram dura, irônica sem outro suporte a ser uma orgia de pensamentos que provocavam o vômito reprimido, a angústia do que poderia ter sido e não foi (p. 19).

Essa foi a interpretação feita em relação à última vez que a narradora viu a tia Dalila, presa em um asilo. Com o tempo, os comentários ganham corpo e, mais uma vez, a narradora desvenda os mistérios em torno da tia. O(a) leitor(a) é transportado pelo tempo à cidadezinha nordestina que viu, numa manhã, Dalila perder-se em comportamentos que não condiziam com a “jovem bonita, cabelos louros e olhos azuis”. Depois desta manhã, era comum ver a personagem, apenas de camisola, passear pela praça segurando nas mãos as imagens de santos do oratório de sua família.

Recorda-se que, durante o dia, tia Dalila trancava-se no quarto para rezar e chorar. À noite, atormentava o sono da família com o barulho da máquina de costurar e, quando conseguia fugir, ia bater à porta dos vizinhos, no desejo de conversar. A pequena cidade, penalizada, procurava explicações para as transformações ocorridas com a jovem. Antes de a loucura ser deflagrada, anunciou o desejo de entrar para o convento, o que foi negado veementemente pelo pai:

Era obcecada com a pureza, que não admitia qualquer gesto ou palavra inconveniente que pudesse ferir a prática de virtude de suma importância aos olhos de Deus. Sua ocupação predileta era ler vidas de santos, principalmente História de uma vida, de Terezinha de Jesus, com quem ansiava parecer-se (p. 21).

Como se desejasse justificar o que ocorreu com Dalila, a narradora lembra que os fatos se passam no início dos anos 30, quando para os loucos restava apenas o

⁵ Sem indicação de fonte. Trata-se de uma frase retirada da obra *Água viva*. Ver: LISPECTOR, Clarice (1925-1977). *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 21.

tratamento com choques elétricos. Depois de alguns choques, o pai sente-se penalizado e constrói para a filha um quarto com grade no fundo do quintal. Com a morte do pai, Dalila é internada pelo irmão mais velho, um padre conceituado, em um hospício em Fortaleza. Dessa época, a narradora se lembra de quando acompanhou a mãe em uma visita feita à irmã:

Uma das imagens mais terríveis de minha infância aconteceu no dia em que minha mãe levou-me com ela para visitar Dalila no hospício. A mulher de cabelos grisalhos, descalça, camisola de algodão, de listras, como a de um presidiário, não podia ser minha tia de quem a família gabava a beleza e a inteligência. Mãos trêmulas, olhar inquieto, insistia em levantar a roupa para queixar-se das outras loucas que lhe haviam roubado a roupa de baixo e a maltratavam, fazendo-a dormir no chão (p. 23).

Esse foi o último dia em que viu a tia. Na saída, ouviu o pedido desesperado de que a irmã lhe tirasse dali, que intercedesse por ela: “que crime tão grave cometi para me irem matando aos poucos” (p. 15). O “crime” só é descoberto pela narradora muitos anos depois, quando revisita a história da tia Dalila e interroga aqueles que testemunharam seu drama:

Numa noite em que regressava à casa, Dalila foi abordada por um admirador que a agarrou à força e quase a violentou. No dia seguinte, no mesmo local, ele a abraçou e beijou. Dalila sentiu prazer no contacto físico, sua natureza ardente recebeu com ânsia renovada o carinho daquele moço que na terceira noite não apareceu. A descoberta das alegrias do sexo foi uma revelação crivada de angústias, o começo de um calvário cruel. (...) Desesperada, entregou-se ao prazer solitário, foi descoberta e relegada ao desprezo pela família, que comentava em segredo seus hábitos pecaminosos (p. 23).

Envolta em seu “pecado”, tia Dalila morreu sozinha no hospício. Ao voltar ao passado e rememorar a vida dessa personagem, a narradora questiona-se sobre a loucura da tia. Estaria ela louca? Como dimensionar a doença de Dalila se naquela época

qualquer comportamento que destoasse das normas morais era considerado sinal de loucura? As marcas deixadas pelo destino da tia são trazidas para o presente. Trata-se de um acontecimento que ainda perturba a narradora, que sonha com Dalila e que teme, em alguns momentos, acabar como ela. Se em “Sol na retina” não há juízo de valor sobre o passado de tia Ana Maria, em “Instantes grossos de sangue” o desfecho ocorre a partir do questionamento dos atos daqueles que sentenciaram à tia ao hospício:

Na noite sem saída da pequena cidade cearense, os gemidos de Dalila são espinhos dilacerando a carne dos que não tiveram piedade, dos que sufocaram os desejos de uma jovem dividida entre o sonho e a realidade, a pureza e o pecado da carne. Não teriam sido mais sem razão os que a aprisionaram nas paredes de um quarto de hospício? (p. 24)

“Não teriam sido mais sem razão os que a aprisionaram nas paredes de um quarto de hospício?” (p. 24). A indagação final representa um julgamento acerca do passado. Tia Dalila foi uma das tantas mulheres aprisionadas em hospícios por terem descumprido as regras socialmente impostas. Magali Engel, em “Pisiquiatria e feminilidade”, um dos capítulos que compõe a obra *História das mulheres no Brasil*, narra as experiências de diversas mulheres que, desde o final do século XIX, foram internadas sob a acusação de sofrerem de distúrbios mentais. Engel permite compreender o destino de tia Dalila quando esclarece que:

Lugar de ambiguidade e espaço por excelência da loucura, o corpo e a sexualidade femininos inspirariam grande temor aos médicos e aos alienistas, constituindo-se em alvo prioritário das intervenções normalizadoras da medicina e da psiquiatria. Muitas crenças pertencentes a antigas tradições e no âmbito dos mais variados saberes – muitas das quais remontam à antiguidade clássica – seriam retomadas e redefinidas pelo alienismo do século XIX. Entre os alienados considerados “rebeldes a qualquer tratamento, por razões mais morais do que propriamente médicas”, Pinel incluía as mulheres que se tornavam irrecuperáveis por “um exercício não-conforme da sexualidade, devassidão, onamismo ou homossexualidade”. O temperamento nervoso, intimamente

relacionado à predisposição às nervosas e nelvragias, era frequentemente considerado como típico das mulheres, “cujas funções especiais ao sexo, em muito contribuem para o seu desenvolvimento”⁶ (ENGEL, 2002, p. 333).

Tia Ana Maria e tia Dalila exemplificam um momento da história das mulheres em que o desvio da conduta imposta levava ao suicídio, à morte prematura ou ao hospício. A moral religiosa implicava na vigilância da pureza do corpo. As personagens chamam a atenção para o momento atual, quando a sexualidade feminina ainda é controlada por padrões sociais e religiosos. Ao rememorar as personagens do passado, Sá Rosa provoca o leitor a pensar acerca da situação da mulher. O suicídio e a loucura, abordados nos contos que analisei anteriormente, demonstram a pressão social experimentada pelo gênero feminino de ontem, “de hoje e de sempre”.

“Tudo por um filho”, última narrativa a ser analisada nesse artigo, contempla um tema caro à mulher, a questão da maternidade. A epígrafe desse conto, mais uma vez é retirado da escritora Clarice Lispector: “Agora mãe e filho compreendendo-se dentro do mistério partilhado. Depois ninguém saberia de que negras raízes se alimenta a liberdade de um homem”⁷. A citação introduz a história de Joana, uma mulher bonita, casada com Tomaz, um homem rico, inteligente e de boa aparência. O casal desejou, desde os primeiros dias de casados, o nascimento de um filho, que nunca veio. Tratamentos, promessas, tudo em vão:

ter um filho era muito mais que um desejo. Para Joana era uma obsessão que a acompanhava desde a infância. Trazer uma criança dentro de si, alimentá-la com o próprio sangue, senti-la viva, chutando seu ventre, era imagem que nunca a abandonava (2002, p. 87).

O marido tentava acalmar a esposa e propunha alternativas, todas refutadas por Joana:

⁶ As partes entre aspas referem-se, respectivamente, às palavras de: CASTEL, Robert. *A ordem psiquiátrica: a idade e ouro do alienismo*. Rio de Janeiro: Graal, 1978, p. 154; GREENHALGH, A. *O que se deve entender no estado atual da ciência por temperamentos*. Rio de Janeiro: Tip. Acadêmica, 1876, p. 26.

⁷ Embora a autora não indique, o fragmento foi retirado do conto “laços de Família”, do livro “Laços de Família”, Editora Rocco - Rio de Janeiro, 1998, pág. 94.

Desesperada, Joana ouvia as sugestões do marido, sem aceitar nenhuma delas. Adotar estava fora de cogitação. E os problemas que uma criança com sangue diferente poderia trazer-lhe no futuro? Inseminação artificial não era conhecida naquele tempo. E assim Joana começou a ficar deprimida, a chorar pelos cantos, perdida na noite de um desespero que a imaginação tornava mais forte. Tinha vontade de morrer, falava em suicídio, transformava a vida de Tomaz num inferno (p. 88).

A representação da maternidade comunga com o discurso social que sempre marcou o lugar da mulher. Para Simone de Beauvoir (2001), a biologia da mulher é a sua maior inimiga, pois é por causa da maternidade que o sexo feminino, por um longo tempo, teve seu espaço restringido ao lar. Em *Memórias de uma moça bem comportada*, Beauvoir descreve:

Eu resolvera, há muito, consagrar a vida aos trabalhos intelectuais. Zazá scandalizou-se um dia, declarando, provocante: ‘Pôr nove filhos no mundo, como fez mamãe, é tão importante como escrever livros.’ Eu não via denominador comum entre dois destinos. Ter filhos, que por sua vez teriam filhos, era repetir ao infinito o mesmo refrão tedioso. O sábio, o artista, o pensador criavam um mundo diferente, luminoso e alegre em que tudo tinha sua razão de ser. Nele é que eu queria viver; estava resolvida a conquistar meu lugar (BEAUVOIR, 1959, p.129).

A autora representa uma das vozes mais importantes para o estudo das relações entre gêneros. Ao rememorar sua trajetória de vida em *Memórias de uma moça bem comportada*, assume o lugar daquela que não deseja o que socialmente seria destinado a ela: filhos. De qualquer forma, a maternidade é reconhecida por Beauvoir como um obstáculo para as conquistas femininas e como uma imposição a esse sexo. O “mito da maternidade”, assim denominado pela pesquisadora em *O segundo Sexo* (2001), corresponderia ao destino a que o gênero feminino estaria fadado.

A personagem criada por Sá Rosa, Joana, tinha “um bom marido”, disposto a realizar o desejo da esposa pelo caminho da adoção. “E os problemas que uma criança com sangue diferente poderia trazer-lhe no futuro?”, era esse o argumento da

protagonista para recusar a oferta do marido. O argumento de “uma criança com sangue diferente” foi superado quando a irmã mais velha, grávida da sexta criança, pediu-lhe dinheiro emprestado para abortar:

- Você não vai tirar essa criança. De hoje em diante ela é minha. Sou eu quem vai gerá-la, criá-la, como parte de minha vida. Esqueça os problemas financeiros. A partir de agora, seu marido e seus filhos não vão mais passar dificuldades com dinheiro. Só lhe peço uma coisa: não comentar com ninguém este nosso pacto. Sou eu quem está esperando esse filho. Você e seu marido geraram cinco crianças lindas e saudáveis, o que me dá a certeza de que meu filho vai reproduzir as qualidades dos irmãos e corresponder ao que eu espero de uma criança (p. 88-89).

Percebe-se que para a protagonista não basta apenas realizar o sonho da maternidade, há nela o desejo de que o filho seja perfeito, saudável. Os cinco filhos da irmã são tomados como garantia da realização de seu desejo de ser mãe de uma criança perfeita. O acordo firmado é cumprido até o fim. Joana partilha de sua alegria com amigas e familiares. Organiza o enxoval, sente enjoos, etc. Depois de nove meses, viaja com a irmã para o Rio de Janeiro, de onde volta com seu filho, Tomaz Augusto Ribeiro Filho, nos braços. A todos foi informada a morte do filho da irmã.

Com o passar do tempo, a conquista de Joana transformou-se em frustração. Durante a infância, Tomaz Filho pouco se aproximou da mãe. Preferia ao pai, “preocupado com os negócios, que o deixavam cada vez mais rico e solitário” (p. 89). Na adolescência, o garoto parou de estudar, passou a maltratar animais, pessoas e os próprios pais: “O proibido era sua meta de prazer. Fugir de casa, maltratar animais, desprezar os mais fracos, zombar dos pobres era seu divertimento predileto” (p. 90). Depois que descobriu que não era filho legítimo do casal, Tomaz Filho desapareceu de casa. Joana procurou desesperadamente pelo filho, sempre sem sucesso:

Um dia, ao entrar num cinema, Joana sentiu o olhar de um jovem pousado em sua face. Seria ele? Antes que tivesse certeza, a visão desapareceu. Não poderia ser ele. E se fosse, de que adiantaria? O ódio roxo, ódio velho, só tornaria mais terrível o encontro dos dois (p. 90).

O narrador conclui em tom moralista: “Joana desistiu de procurar o menino, que poderia não ter nascido e só veio ao mundo para cumprir os caprichos de uma mulher que ousou desafiar o destino” (p. 90). Um olhar mais atento deixa transparecer que a questão não recai apenas para os aspectos egoístas de Joana, também se trata de uma marca feminina, ou seja, “o mito da maternidade”.

É possível concluir?

O(a) leitor(a) que se aventurar pelas narrativas de *Contos de hoje e sempre* será surpreendido(a) por outras personagens tão intensas quanto as apresentadas anteriormente: Ana Maria, Dalila e Joana. Os questionamentos sobre a felicidade em “A felicidade existe?”; a dor de se perder uma filha em “Minha filha”; Os mistérios sobre o noivado da prima Rosana em “O noivado de Rosana”; as revelações da finada tia Carminha em “Revelações de uma redimida”, e outras, para não dizer todas, narrativas da obra, envolvem o(a) leitor(a) pela construção da narrativa e pela intensidade dos sentimentos vivenciados pelas personagens. Na maioria dos contos, o(a) leitor(a) é levado ao papel de detetive que, junto com a narradora, monta fragmentos de lembranças e vozes para desvendar mistérios.

Maria da Glória Sá Miranda está no auge de sua produção, divulgando a música, a pintura e as letras do Mato Grosso do Sul. Como leitora de seus contos, desejo que venham outros, mesclados entre lembranças e invenções. O volume e a intensidade com que a escritora trabalha indicam que Maria da Glória Sá Rosa continuará nos brindando com os resultados de suas pesquisas sobre a cultura e a história sul-mato-grossense. Como admiradora de sua forma de narrar, fico na expectativa de que a autora nos delicie com outras invenções/lembranças das vidas que se relacionaram com ela no Mombaça, no Mato Grosso do Sul e por outros tantos lugares por onde a escritora passou. Da leitora eclética apreende-se a sensibilidade para se perceber e perceber o outro.

Bibliografia

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Trad. Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2001.

BEAUVOIR, Simone de. *Memórias de uma moça bem comportada*. Trad. de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959.

BOSI, Ecléa, *Memória e sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Cristiane; GONÇALVES, Franciane & BAMBIL, Thobias. *Tempos de Glória: resgate da cultura em MS sob a ótica de Maria da Glória Sá Rosa*. Campo Grande: ASL, 2007.

ENGEL, Magali. "Psiquiatria e feminilidade". In.: PRIORE, Mary Del. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002, pp. 322-361.

HENRIQUES, Fernanda (org.). *Paul Ricoeur e a Simbólica do Mal*. Porto, Edições Afrontamento, 2005, pp. 35-40.

NAVARRO, Márcia Hoppe. "Por uma voz autônoma: o papel da mulher na história e na ficção latino-americana contemporânea". In: NAVARRO, Márcia Hoppe. *Rompendo o silêncio*. Rio Grande do Sul: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995. pp. 11-55.

ROSA, Maria da Glória Sá. *Contos de hoje e sempre: tecendo palavras*. Campo Grande: edição da autora, 2002

ROSA, Maria da Glória Sá; Duncan, Idara & PENTEADO, Yara. *Artes plásticas em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande, MS: edição das autoras, 2